

FRANQUEZA

20-6-57

ASSIM não vale. Todos nós, da imprensa, temos tido o maior cuidado em tratar com a devida cortesia o presidente Craveiro Lopes e sua comitiva. Sem precisar de haver censura ou combinação, toda a imprensa brasileira timbrou em saudar no general Craveiro um representante de Portugal, do Portugal de hoje e de sempre, que todos nós amamos — e não de um determinado regime. Pois agora vem o senhor ministro Paulo Cunha, segunda pessoa da comitiva, e diz aos jornalistas de São Paulo que «Portugal está livre da praga dos partidos políticos».

Não, assim não vale. Nós todos aqui, indiscretos e faleadores de profissão, a fazer os distintos, a bancar os diplomatas — e o senhor chanceler nos vem com essa. É forte. Visitando um país cujo sistema político se baseia na existência de partidos, o chefe da diplomacia portuguesa chama a isso de praga. Sim, os partidos políticos têm muitos defeitos e inconvenientes, mas já tivemos aqui, senhor Paulo Cunha, uma praga muito pior: ditadura. Não interessa o nome nem o adjetivo da ditadura — funcional, corporativista, realista, orgânica; não interessa o nome de ditador, não interessam suas virtudes pessoais, se ele é casto ou dado a espanholas, se bebe demais ou só toma canja; nós aqui chegamos à conclusão de que ditadura não presta. Dispa a sua casaca, ponha bigodes falsos, vista-se como um pobre e ande no meio deles, em Lisboa ou no Porto, e o senhor saberá o que sei, porque vi e ouvi mais de uma vez: que o povo português está farto de sua ditadura; que ele veria com prazer a volta dos partidos políticos que exprimissem suas diferenças de opinião; que esse regime que o senhor exalta só é mantido pela força implacável da polícia, da censura, da opressão.

Sei que não é muito fino dizer estas coisas neste momento. Mas o senhor Paulo Cunha disse o que bem entendeu sem olhar a ocasião. É a tal liberdade de palavra, praga horrível, mas praga que faz bem. Fei com um português da melhor cepa, dom Francisco Manuel de Melo, que aprendi esta coisa antiga — que isso de cada um dizer o que sente é mais sadio do que galinha cozida.